



Libânia de Jesus
Soito da Ruiva



Ficha Técnica

Editor

Trenmo Engenharia, Lda

Fotografia da Capa

Olívia Silva

Museu da Pessoa

Responsável Editorial

Jorge Gustavo Rocha

Entrevista

Filipa Rodrigues

Anabela Lima

Transcrição

Hugo Pereira

Edição da História de Vida

Hugo Pereira

Revisão

Filipa Rodrigues

Liliana Monteiro

Design

Ana Lopes

ISBN

978-989-8172-03-7

Prefácio

Soito da Ruiva encantou-me desde a primeira vez que a visitei! O motivo da minha atracção não foi desde logo evidente para mim, mas fui descobrindo nas visitas seguintes: lugar e identidade andam lado a lado neste espaço carregado de símbolos, memórias e significações.

Penso que não se poderá falar desta aldeia e das suas gentes, sem se falar do espaço físico que habitam. Soito da Ruiva é uma aldeia completamente pedonal, onde o automóvel é obrigado a permanecer na entrada da aldeia. O espaço público é um espaço na escala humana, criando proximidade e facilitando o convívio. E esta “humanidade” do lugar tem reflexo na identidade da sua população, generosa e alegre, abrindo os seus lares, tal como a aldeia se abre à confraternização.

Surge assim este projecto, cujo objectivo é ajudar a valorizar a aldeia divulgando o valor das suas gentes! No entanto, não se pretende descrever as características gerais desta população, mas sim focar as experiências de cada um dos seus habitantes, a sua relação no espaço da aldeia, retratando o funcionamento desta comunidade!

Álvaro Costa

Libânia de Jesus

Libânia de Jesus nasceu a 29 de Fevereiro de 1936 em Soito da Ruiva, filha de Manuel Bento Lopes e de Maria Urbana. Em criança gostava de brincar com uma amiga da aldeia, que depois emigrou para França. Não foi para a escola, algo que agora diz lhe fazer muita falta. Sempre trabalhou em Soito da Ruiva, ora a cuidar do gado e da fazenda, ora na pedreira e ainda hoje se entretém no campo. O seu marido também é de Soito da Ruiva. Namorou com ele por carta, antes de se casar em 11 de Fevereiro de 1956. Desta união teve três filhos, todos nascidos em sua casa, os quais já lhe deram cinco netos e uma bisneta. Recorda-se de fazer carolo - o qual preferia com açúcar -, queijo, tigeladas, apanhar e comer castanhas e dos dias alegres da matança do porco.

Conteúdo

Identificação <i>Libânia de Jesus</i>	4
Ascendência “ <i>Eu vivi no tempo deles!</i> ”	4
Infância “ <i>As brincadeiras de criança</i> ”	5
Casa “ <i>Era pequena, mas a gente criou-se lá</i> ” . .	6
Educação “ <i>Gostava de ter ido para a escola</i> ” . .	7
Quotidiano “ <i>A vida cá era dura</i> ”	7
“ <i>Trazia os carregos iguais</i> ”	11
Namoro “ <i>A gente nem se namorou</i> ”	12
Casamento “ <i>Tinha menos de 20 anos</i> ”	13
Descendência “ <i>Nasceram todos cá em casa</i> ” . .	16
Lugar “ <i>A aldeia mudou muito</i> ”	21
Migração “ <i>Uns puxavam outros</i> ”	24
Costumes	24
<i>A debilha e o carolo</i>	24
“ <i>Até uma mulher o esmaga</i> ”	26
“ <i>Ficava curadinho</i> ”	26
“ <i>Toda a gente cá tinha muita castanha</i> ”	27
“ <i>Aquilo era um bicho fino</i> ”	27
“ <i>As tigeladas cá também foi sempre</i> ”	28
“ <i>Usamos este lenço na cabeça</i> ”	29
“ <i>Era tradição aqui o linho</i> ”	30
“ <i>Quando era dia de Natal...</i> ”	30
“ <i>Havia todos os anos a matança do porco</i> ” . .	31
“ <i>São histórias!</i> ”	31
Religião “ <i>Antes, era só missa</i> ”	32



Fotografia 1: Libânia de Jesus.

Identificação *Libânia de Jesus*

O meu nome é Libânia de Jesus. Tenho 71 anos. A data de nascimento é botar a conta e já se sabe... Foi a 29 de Fevereiro de 1936. Fui nascida e criada em Soito da Ruiva.

Ascendência “*Eu vivi no tempo deles!*”

Lembro-me dos meus pais, então, eu vivi no tempo deles! O nome da minha mãe era Maria Urbana. Também trabalhava assim na agricultura. O meu pai era Manuel Bento Lopes. Andou muito tempo em Lisboa na cortiça,

mas ao fim também veio para cá. Não me lembro é da altura em que ele foi para lá, porque ainda não era nada, se calhar. Mas quando foi para Lisboa passámos muito mal.

Tive dois irmãos, comigo éramos três. O meu irmão mais velho morreu, eu sou a do meio e tenho uma irmã mais nova do que eu que vive na aldeia, chama-se Maria dos Anjos Lopes. O meu irmão, os avós é que o criaram, no Soito da Ruiva. Esse esteve quase lá sempre com eles. E eu mais minha irmã estivemos sempre com a minha mãe.

Também me lembro da minha avó Maria José. Morreu, ainda eu era assim miúda. Tinha aí uns 10 anos se calhar ou se calhar nem tanto. Mas lembra-me dela. Eu, às vezes, ia lá para o pé dela lá em cima para a quinta. Recordo-me que ela coalhava o leite, tirava uma mão de coalhado e punha-ma numa tigela e eu comia aquilo. Era bom! Ai não, que não era!? Ainda lhe dava mais valor que ao queijo! Ela andava-me sempre a partir queijo e eu queijo não gostava dele. Não o queria, não era de meu génio comer o queijo. E a coalhada comia. Ela era uma mulher que botava a mão em tudo. Ela é que rompeu a quinta que lá tinha, tudo pelas mãos dela! Fez bocados, fez os "chens". Aquilo era minar penedas e atirar terra. Ela fazia as palheiras pelas mãos dela. Fazia fornos - o forno que lá tinha para cozer o pão, foi ela que fez. Era uma mulher muito habilidosa. Para trabalhar não havia cá. Sabe Deus o que passou também para criar os filhos. Eu faço o que posso, mas já não chego onde ela chegou. Já não chego às barbas dela, porque fornos já não os fiz e romper fazenda também não.

Infância “*As brincadeiras de criança*”

Nas brincadeiras de criança, eu só cá tinha uma colega, com quem brincava, que até esteve na França muito tempo. Ela também era muito amiga de brincar comigo. Ainda há pouco tempo, veio à aldeia e só queria estar ao pé de mim, pois lembrava-se muito das nossas brincadeiras. Naquele tempo, abalávamos as duas, mesmo com o

calor, pelo mato, lá por essas lombas acima. Ela ia-me lá chamar e dizia assim a minha mãe:

- "Então agora é que vós ides, com tanto calor? Esperai mais logo pelo fresco."

E ela dizia-me assim:

- "Nós vamos agora, que agora ninguém nos vê lá ir! Por mais está tudo em baixo."

Era só com ela que eu brincava mais, que as outras nem elas tinham queda comigo nem eu com elas. Eu era assim muito sozinha, porque morávamos no cimo do povo. Éramos muito sozinhas. Elas cá se ajuntavam umas com as outras. Eu e a minha irmã ficávamos sempre sozinhas. Aquela rapariga dava-se muito bem comigo, ia para lá, chamava-me e ia com ela. Brincávamos muito uma com a outra. Às vezes, a coisas que nem tinham caminho. Umas vezes, botávamo-nos a agarrar uma à outra, outras as vezes escondíamo-nos uma da outra. Mas só nós as duas, quando éramos pequenitas. Quando comecei a ir à pedra, ela já tinha ido para Lisboa e de lá foi para França. Ela já não andou cá à pedra como eu, porque já se tinha ido embora.

Era raro ir para o meio do povo. Só quando às vezes lá jogavam à bola, à panela, aos cântaros, eu ia para lá e estava assim a espreitar. Mas as raparigas que lá andavam eram muito maiores do que eu, muito mais velhas. Era uma diferença de uns poucos de anos. Às vezes, de 10 anos. A gente ia para lá só para ver. Não nos íamos lá meter ao pé delas, que elas não nos deixavam brincar. Já eram mais crescidas e nós éramos pequenas. Conforme as idades assim eram as brincadeiras. E a gente lá com aquelas mais velhas não podíamos, porque elas não gostavam até que a gente sequer estivesse ao pé delas.

Casa “Era pequena, mas a gente criou-se lá”

A casa onde nasci era um palheiro, lá em cima, chegada "acimeira". Agora já existe uma casa mais ao cimo que primeiro, quando a gente se criou, não estava lá. A nossa era a última casa. Era pequena, mas a gente criou-se lá. Ainda havia aí casas piores. Tinha só dois quartos e pe-

quenitos. Era ampla, não tinha nada por cima, não tinha um sótão, não tinha nada. Era assim só com as lajes e os barrotes à mostra. A gente criou-se lá, mas não éramos só nós. Era quase tudo assim! Que eu lembra-me de cá só estar a capela com telha. E, ao fim, a primeira casa que cá puseram com telha foi lá em baixo ao fundo. Ainda eu ajudei a acartar a pedra para lá. Depois começaram a desenvolver-se outras. Em vendo uma, aos outros já lhes metia cobiça! E o dinheiro, também já entrava mais. Já começava a haver mais empregos por Lisboa. E era assim, mas cá foi um bocado difícil.

Educação “*Gostava de ter ido para a escola*”

Os que iam para a escola, iam. Iam, mas os pais não queriam que fossem. Queriam que andassem a guardar gado. Foi o meu caso. Eu não andei na catequese, nem me deixaram ir à escola. Gostava de ter ido para a escola, mas não calhou... Pronto, passou-se. Se fosse obrigada, eles tinham que deixar ir, não era obrigado, só ia quem queria. Então, não fui. Mas passei ainda bocados mais ruins que se fosse para a escola. Os meus pais não me deixaram ir a mim nem aos meus irmãos. O meu irmão sabia ler, porque aprendeu com a madrinha dele aqui na aldeia. Uma rapariga que sabia ensinou-o, que ele também para a escola nunca foi. Mas, bem, remediou-se e eu é que não foi nada. E eu gostava de ter ido para a escola. Gostava! E a gente não é na altura que lhe acha a falta. É agora e mais atrás. Que eu agora já estou velha, também já não me importa. Mas tive alturas que tinha pena de não saber. E agora eles não estão para nos aturar!

Quotidiano “*A vida cá era dura*”

Eu levantava-me sempre cedo, porque a minha mãe, que Deus tem, às vezes ia para a janela e dizia assim:

- "Olha que daqui a nada é manhã. Olha que daqui a nada já não vamos mais para o mato."

A vida cá era dura. Eu trabalhava de tudo e tudo gostava de fazer. Sabia fazer de tudo. A gente começava

de novas a ser muito sacrificadas com trabalho. A nossa infância era assim. Quase tudo vivia do mesmo. Era preciso trabalhar muito na fazenda, cavar, ir ao mato, à lenha, ajudar a acartar pedra e outros trabalhos. Tínhamos ovelhas. Davam a lã quando era no tempo de as tosquiar. Davam-nos os borregos, davam leite também. As cabras davam-nos só o leite e os cabritos, que depois a gente vendia. Todos os dias, de manhã e à noite, a gente tirava o leite. Tinha sempre leitinho fresco para fazer os queijos para vender. Uns era para consumo, outros ainda comi, mas a maior parte era só para vender, fazer dinheiro para outras coisas. Que não tínhamos de onde ele viesse mais. Íamos vender em muito lado. Às vezes tinham que andar umas pessoas de Porto Castanheiro à cata deles. Levavam cada cabazada deles! Na minha lembrança, eram as mulheres que cá vinham de Porto Castanheiro e que os levavam. Mas antes de mim, que eu aqui já pouco me lembra, iam-nos vender a São Jorge da Beira, lá para o Cebola, para as Minas da Panasqueira. Era muito longe! Eu nunca lá fui a pé. Já lá passei de carro, mas a pé nunca. Era muito longe. Mas as pessoas iam todas a pé. Às vezes, iam amanhecer à serra com aqueles carregos de queijo para lá vender. Em casa não os comiam! O dinheiro era preciso para tanta coisa.

De pequenos, faziam-nos andar com o gado. Quem ia para a escola, ia. Quem não ia, tinha que ir guardar rebanhos por essas serras, descalços. Não havia calçado, não havia nada. Eles não queriam gastar e a gente descalça. Não tínhamos nada. Os primeiros sapatos que tive foram os do casamento. Primeiro, não tinha nada. Só as tamanquitas ou uns chininhos. Outros, era a roçar mato, carregar mato e lenha. E descalços, também! A gente, às vezes, levava umas tamancas por aí acima, no caminho, até lá chegar. Em fazendo um molhito, tínhamos que as tirar e pô-las no molho. Vínhamos descalças outra vez para baixo, senão podíamos cair, que elas tombavam. Escorregavam! Então vínhamos assim descalças. Quando era frio, a geada até se sentia a estalar debaixo dos pés. Quando era calor, também não se aguentava dos pés por causa das pedras a esquentar, a ferver. Mas cá era tudo

assim, pois não havia para onde ir. Não havia empregos. Tudo se dedicava à terra. Era cavar, semear, sachar, empalhar, regar, até o apanhar. Era uma vida dura.

Plantava milho, batata, feijão e pouco mais, cada um em seu terreno. Os terrenos eram muitos e grandes. Era quase sempre a mesma coisa. Cá toda a gente tinha muita fartura de milho. Semeavam muito. Em Março começava-se a semear as batatas num terreno. E depois, em Abril, era o milho e o feijão "pia cima" (por aí acima). Os homens só vinham em Setembro e Outubro. Demorava muito tempo para modos de se eles criarem. As batatas demoravam só três meses. Mas o milho e o feijão demoravam muito. Andava a gente um ano, a bem dizer, para se criar o milho e o feijão. E depois tinha que se sachar e regar até se criar. Depois, tinha de se arrancar. Às vezes, as pessoas juntavam-se para as colheitas. Outras vezes, cada um que podia fazer, fazia-o sozinho. Para debulhar à noite, as pessoas juntavam-se a ajudar uns aos outros. A debulhar eram umas paródias a falar em coisas, mas cantar não. Depois a gente secava o milho numa eira. Eram dois ou três dias conforme os dias fossem. Tínhamos arcas em madeira para guardar o milho. Eram uns celeiros que ficavam dentro das casas e nas lojas. Vinho também tínhamos naquela época. Vinha aquando era o milho. Apanhava-se aquando o milho se apanhava. Era ao mesmo tempo, na mesma altura. Tinha muito ano que se juntava o milho com os cachos de uvas para se apanhar. Era muito trabalho na mesma altura. Por isso é que se debulhava só à noite, pois de dia era para apanhar o milho e os cachos das uvas para fazer o vinho. E o vinho, às vezes, também se fazia só de noite.

Também ia para as cavadas. Também fazia cavadas lá pelos limites, por aqueles giestais, para dar o centeio. E como vivia cá muita gente, as pessoas também se dedicavam àquilo. Não havia onde fossem ganhar dinheiro, então tinham que lutar pela vida na aldeia. Depois, quem precisava chamava e a gente ia para poder ganhar algum dinheiro. Ajudava-se a semear milho, sachar e empalhar com esterco... Era com esterco, com estrume, que empalhava, porque cá as terras são muito empinadas, muito

embarreiradas. E tinham de lhe botar para fertilizar a terra.

Havia anos em que havia fartura de água, outros não. Às vezes, havia falta de água. Havia anos que secava aí tudo e que a gente tinha que cortar o milho todo para o gado, que já não chegava a dar espiga, com a sede. No Inverno não vinha chuva, que havia Invernos muito secos. Era só frio, só frio e não chovia. E, ao fim, ficavam os nascentes fracos e para o Verão já não havia água. Secava tudo. Mas primeiro a água dava para todos os terrenos. Há uns anos, deixou de dar para tudo. Fizeram furos e levaram a água para outras terras. E fez cá falta. Eu não sei como é que isto foi. A água levou sumiço. Cultivavam poucas pessoas e a água não chegava. Quando antigamente, cultivavam tudo e chegava para todos. Ela levou volta com certeza, mas, bem, a gente não sabe. Os Invernos também têm vindo muito secos. E daí também, não vindo, não pode haver.

Assim que se podia fazer mais alguma coisa, com 10 anos ou 12 anos, já não nos queriam a guardar gado. A gente começava a fazer outro trabalho. Era a trabalhar nas fazendas ou a andar a carregar pedra para as casas, que eram feitas de pedra. Deixávamos o gado para ir à pedra. Passava a ir a minha irmã com o gado. Então faziam-me andar a carregar. Eu e mais as outras da minha idade, mais velhas e mais novas. Sempre fui para a pedra e carreguei muito peso. Muito, muito! Comecei de nova a andar naquilo. Também iam lá as outras com as mães, já mais crescidas. Podiam trazer carregos maiores, porque eram mais crescidas. As da minha idade ainda lá não andavam. Ainda não quiseram ir. Não tinham tanta precisão! Íamos lá para diante, para o pé da piscina. E outros mais aqui em baixo noutra valeiro, também. A carregar e descalças! Carregávamos a pedra e a terra, porque as pedras eram colocadas na terra amassada, para agarrarem. No barro! Íamos buscar madeira a muito longe, porque as casas eram feitas de pedra e de madeira. Não é como agora! Agora são com vigas, cimentos, telha e tudo. Naquele tempo, não! Agora vêm as camionetas descarregá-las mesmo aqui ao povo. As

raparigas, as mulheres, não sabem o que era aquilo, não! A gente tinha de carregar tudo às costas! E não eram ordenados certos. Primeiro, começavam a ganhar cinco escudos. Ao fim, depois, passei para 7.500 escudos ao dia, de sol a sol! A gente começava nascendo o sol até ele se pôr na serra.

“Trazia os carregos iguais”

Uma vez, aqui uma tia minha fez lá em baixo uma palheira e chamou-me para lá ir. Eu era novita ainda, mas a gente precisava. E disse-nos:

- "Olha que gostava de falar com a tua mãe para ver se te deixava lá ir carregar umas pedras, se nos ajudavas."

E a minha mãe disse assim:

- "Não, que ela é muito nova ainda. Ela ainda é muito nova."

Então com 10 ou 12 anos, o que é que eu ia ganhar também? Mas, bem, a gente precisava.

E depois quando foi para me pagar, ela levava lá a conta do dinheiro como a das outras mais velhas. E a minha mãe não queria aceitar. Disse:

- "Não, não aceito, porque ela é muito mais nova e ela não pode ganhar como as outras mais velhas."

- "Mas eu é que lhe quero pagar assim, porque ela trazia os carregos iguais, que ela não se rejeitava a nenhum. Então, merece o mesmo."

E pagava-nos o mesmo.

Depois dava o dinheiro à minha mãe, porque tinha de comprar tudo para casa. Ela não tinha de onde viesse nada, porque o meu pai, Deus o tenha, também andou em Lisboa sete anos sem cá vir e sem nos mandar nada. Ela precisava de comprar condutos, a sardinha ou bacalhau, ou qualquer coisa para a gente comer. Sardinha, vinham cá vender. E também cá havia a mercearia. A gente, às vezes, também se ia aviar à mercearia. E, às vezes, ia à feira de Avô. Era preciso, às vezes, um aventalzito. Primeiro usavam-se uns aventalzos, com uma blusita. Tinham que comprar aquilo com o dinheiro que eu ia

ganhar. E era assim. Mas passou-se muito mal, muito mal!

O clima era assim: era Verão e Inverno. O Inverno era custoso de passar. Era chuva e neve, saraiva, trovoadas e vento. Até havia uma reza para a trovoadas se afastar, mas eu nunca aprendi. Parece que era o "Bendito Louvado" que cantavam, mas isso nunca aprendi. No Verão era calor. Épocas de muito calor.

Hoje, é sempre a mesma coisa. Todos os dias é o mesmo. É tratar das galinhas, dos bocados para ir cavar, cavá-los também, qualquer dia semear, tratar das hortas... Eu ainda semeio batatas e ponho hortas de couves. É isso que a gente faz só. Agora só já não semeamos milho. Gado, já só uma pessoa é que cá tem, é só o meu sobrinho. Já cá não há mais nada. Já não há mais ninguém que tenha gado. Só umas galinhas e não são todos. As pessoas já não têm tempo. Estão velhinhas, reformadas, comem do centro, vem o comer feitinho, já não têm mais nada. Eu também ainda tenho umas galinhas para me entreter. Aliás, tenho sempre muito com que me entreter. De resto, compro tudo. Vai a gente, às vezes, a Arganil ou a Coja ou a Oliveira, onde há feiras, lojas, comércio para vender e a gente aproveita para comprar o que precisa. Às vezes, vêm pessoas de fora vender coisas também, para levarem o dinheiro para se governar. Aos fins-de-semana costumam vir pessoas de Lisboa, mas há muito fim-de-semana que não aparece aí uma viva alma! Só as que cá estão! Às vezes convivem. No Inverno, vão ali para o sol. No Verão, vão para a sombra e conversam sobre muita coisa, a vida deles. Mas eu não costumo assim ir muito, porque a minha vida chega-me. Ando na minha lida. Entretenho-me com as galinhas, com a terra, em casa, vou para a fazenda. A fazenda onde agora cultivo é aqui perto. Vou até lá. Tenho mais bocados, mas ficam longe e estão abandonados. Tudo cheio de silvas.

Namoro “A gente nem se namorou”

A bem dizer, a gente nem se namorou, porque ele foi embora para Lisboa e só veio quase quando casámos.



Fotografia 2: Manuel Luís Mendes, marido de Libânia de Jesus.

Então a gente, se namorou foi por alguma carta, mas as cartas não era eu quem as fazia, nem as lia. Era o meu sogro. Ia lá agora pôr essas coisas, como se fosse eu! Pois, isto foi uma coisa assim...

Casamento *“Tinha menos de 20 anos”*

Tinha menos de 20 anos quando fiquei noiva. O meu marido é mais velho três anos. Casámos no mesmo mês em que fiz os anos. Fiz 20 anos no dia 29 de Fevereiro e a gente casou no dia 11 de Fevereiro. Tinha menos de 20 anos. Fui vestida com saia, casaco azul-escuro e blusa branca. Fato inteiro, casaco e saia, o xaile e véu preto. Primeiro, usava-se assim. Isto é muito antigo. Isto de



Fotografia 3: Dia de casamento de Libânia de Jesus e de Manuel Luís Mendes (ao centro) com os padrinhos Guilherme Bento (à esq.) e Madalena Mendes (à dir).



Fotografia 4: Manuel Luís Mendes e Libânia de Jesus. Coja, 2006.

véu branco só foi há pouco tempo. A minha madrinha foi a Madalena e o meu padrinho, era meu primo direito, o Guilherme Bento. Foi um casamento à pobre, em casa dos meus pais. A gente não era rica. Mas comer não faltou. Que havia aí casamentos de serem mais ricos e que não tinham tantas larguezas como nós tínhamos. Ainda assim comer não faltou. Toda a gente que foi, gabou. Não faltou o que comer, o sossego, o convívio, foi tudo do melhor. Depois houve bailarico. Na altura, o meu padrinho de casamento tinha um acordeão e tocou para o pessoal dançar.



Fotografia 5: António Bento Mendes, filho primogénito de Manuel Mendes e Libânia de Jesus.

Descendência “*Nasceram todos cá em casa*”

Lembro-me do nascimento dos meus filhos. Quando soube que estava grávida fiquei contente, mas depois tive dois anos sem ter nenhum. O meu marido estava em Lisboa quando soube que ia ser pai. O parto foi em casa. Não veio o médico. As mulheres cá ajudavam-se umas às outras. Mas graças a Deus nasceu tudo bem. Nasceram todos cá em casa. A gente arriscou-se. Agora as mulheres já não querem arriscar. Em dando conta, começam logo a andar nos médicos para saber se é rapaz, se é rapariga, a fazer logo tratamentos. Nós não. Era até chegar a hora.

Os meus filhos foram para a escola do Sobral, porque a escola da aldeia só foi construída no fim dos meus já não precisarem dela. Não veio para cá professora durante dois anos e a escola já lá estava. Mas não vieram para cá professores, nem para aqui nem para o Sobral e eles tiveram que estar em casa. Ao fim de dois anos, os meus mais velhos foram para o Sobral e o mais novo é que andou na escola da aldeia. Recordo-me que os mais velhos, passaram muitas. Às vezes, estava a chover, vento, trovoadas, muito frio e tinham que se levantar de manhã cedo para chegar a tempo à escola. Demoravam cerca de uma hora a bem caminhar! Tinham escola todo o dia! Às vezes, chegavam a casa já de noite, que a professora, às vezes, largava a escola e ainda os levava para casa dela para estudarem mais. Eu tinha que os ir esperar, já era noite, todos molhados. A chuva e o vento era tanto que lhes virava os chapeuzitos. Chegavam já de noite e eu ainda tinha que lhes tirar a roupa, enxugá-la ao lume ou lavá-la para levarem no outro dia. Ao outro dia, era o mesmo caminho. Tinham que se levantar cedo para tornarem a ir para a escola. Quem andou na escola da aldeia foi outro mimo. O mais novo que já andou cá, teve outro mimo. Já vinha comer a casa e os mais velhos não! Tinha que lhes aviar sempre o saco, a bucha, para lá comerem, mas que é que eu havia de lhes arranjar? Às vezes, um bocadito de queijo ou uma sardinha. Era o que havia. Tinham que lá estar todo o dia assim, sem nada, só à noite é que vinham comer. Sofreram muito e tanto tempo que andaram lá. Fizeram da 1^a até à 4^a classe. Foram quatro anos que lá andaram. E mal de mim! Sofreram eles e eu, para lhes arranjar o comer. Tinha que arranjar o comer para comerem de manhã antes de irem para a escola, arranjar a bucha para levar, arranjar as roupas. Naquele tempo era uma miséria, não havia farturas de roupas como agora. Uma tinha que chegar para uns poucos de dias. Em cá chegando, tiravam-na e se viesse molhada tinha que a enxugar ou passá-la por água e tornar a enxugar. Agora, aquele filho que andou cá, parece que já não fez escola. Não se ia molhar, não apanhava frio e comia em casa. Os outros, passaram das boas e



Fotografia 6: Libânia de Jesus com o marido e filhos. Soito da Ruiva, 2007.

havendo escola na terra! Mas não havia professor que para cá viesse. Depois vieram para cá várias professoras. Cada ano havia uma. Em cá estando um ano, já não ficavam mais, porque não queriam estar nestas terras.

Os meus filhos costumam vir à aldeia, mas vivem noutras aldeias. O mais velho mora na Malhada Chã, o do meio mora na Relva Velha e o mais novo em Pomares. Tudo pertence a Arganil. Quando cá andam a trabalhar, até vêm a casa todos os dias. Mas quando andam a trabalhar para outro lado, é mais raro virem. Mas quase todas as semanas aparecem. Também não têm vagar, porque durante a semana andam a trabalhar nas obras e no sábado é mau, porque têm de fazer o deles na fazenda e nas batatas. Todos eles têm muito terreno. E nas férias, às vezes, ainda cá vêm. Ao menos pelas festas aparecem. Às vezes, ia à piscina com os meus netos e filhos. Eu não sei nadar, mas fui muita vez à piscina com eles. Até levávamos merenda.

Foram os meus filhos que fizeram a torre do relógio. Antigamente já lá havia uma, mas ao fim caiu. Ainda me lembra de estar toda no chão e não haver nada. Ao fim, os meus filhos é que a fizeram com o apoio da Comissão. Eles também fazem parte da Comissão. Pagam as quotas, são sócios. Muita coisa que aí há já foram os meus filhos que a fizeram, por isso sei bem que primeiro não



Fotografia 7: Armindo Lopes Mendes, filho de Libânia de Jesus.



Fotografia 8: Célia, neta mais velha de Libânia de Jesus, por parte do filho António Bento Mendes.

existiam cá essas coisas.

Os netos é que agora falham mais. A escola é uma prisão e não podem cá vir sempre. Nos sábados ou domingos é mau, porque têm de fazer os trabalhos - também trabalham com o computador - e têm que estar lá. Se os pais resolvem não vir, eles também não vêm.

Lugar “A aldeia mudou muito”

Esta aldeia é muito bonita. É um sossego, porque há cá pouca gente e não fazem barulho. Antes dos incêndios isto ainda era mais bonito. Mas com os incêndios de há vinte anos - faz agora para o Verão vinte anos que foi um - ficou tudo destruído. Agora vai a caminhar para dois anos que foi outro ainda pior. Ainda ficou tudo mais destruído do que com o primeiro. Antes tinha de tudo! Havia cá muito castanheiro, muita cerejeira, muita ameixeira, muita figueira. Era uma terra de muita fruta! A bem dizer, muita gente até se governava, quando era no tempo da fruta, só com fruta. Esta era uma terra de muita fruta. Hoje, não há cá nada! Ardeu tudo! Só se agora aí está alguma, porque já a puseram depois disso. Mas está à espera que venham outros fogos. Se vem outro fogo torna a queimar tudo.

A madeira dos castanheiros vendiam-na, mas usavam uma parte para fazer as casas. Para pôr os barrotes por baixo das lajes ou para o "solho" (soalho). A madeira de castanho tinha muito valor. Servia para muita coisa. Faziam muita madeira e gamelas. Daqueles castanheiros mais grossos, faziam as gamelas. Faziam pipos para o vinho e dornas para o esmagar. Quem fazia eram os carpinteiros, que aprendiam. Aqui havia poucos carpinteiros. Vinham doutras terras. Chamavam e vinham para ganhar dinheiro e fazer as coisas.

Nessa altura ainda não havia electricidade nem água. Então, a electricidade veio já eu estava casada, não sei bem a data. Ainda há poucos anos. Telefone também não tínhamos, ninguém cá tinha telefone. Ao fim é que veio o público, muito tarde já, mas era só aquele. Não havia cá mais nenhum. Não tínhamos água, estradas, não tínhamos nada! Íamos buscar a água para gastos de casa ali aos fontanários. E electricidade não havia. Vivíamos do petróleo. Às vezes, os meus filhos vinham da escola à noite e eu punha-lhes o candeeirito do petróleo ao pé para fazerem os trabalhos. Até se enchia a casa de fumo, porque aquilo deita muito fumo. Eu, por mim, não via nada com aquilo. Mas eles, coitadinhos, lá viam as letras



Fotografia 9: Rosa Marisa, neta de Libânia de Jesus, por parte do filho Armindo Lopes Mendes.

e as coisas para fazer os trabalhos. Era duro. Hoje, quem é que aceitava viver assim? As crianças habituaram-se à luz da electricidade. Mas ainda há terras que usam petróleo.

Na aldeia, nesse tempo, havia muita gente. Havia cá muita gente, muita rapaziada. O cá estar tudo é que fazia mais fome. Porque tudo quanto cá nascia, tudo se cá criava, tudo cá estava. E era preciso trabalhar muito nas fazendas, para modos de se governar. Mas era tudo mal. Cultivavam muito as terras, mas naquele tempo a gente

era muita também. A terra, às vezes, não chegava. Não dava produto para se governar tanta gente. Se governava aí alguma pessoa assim melhor era por meio de rebanhos de gado. Vendiam queijos, às vezes, uma cabra ou uma ovelha, quando as tinham, e outras vezes cabritos. E era com o que eles faziam o dinheiro para se cá governar. E andavam assim. A gente passou-as cá mal. Hoje, não há nada! Só os velhos! Estão aí cerca de 17 ou 18 pessoas, todas velhas! Sempre foram amigos, mas ainda eram mais antigamente, quando havia muita gente. Eram mais amigos que agora. Agora são poucos e ainda se não dão. Mas é mesmo! Quanto menos gente, parece que pior é, menos unidos são. Não se dão. Eu noto muita diferença. Tenho muita saudade desse tempo. E de ter 20 anos. Mas onde é que eles já vão? É assim a vida.

A aldeia mudou muito com a Comissão de Melhoramentos. Já fez 50 anos. A primeira coisa que fizeram foram uns pontões para atravessarem as ribeiras de um lado para o outro, para as fazendas. Primeiro, passava-se pelas barrocas. Punham pedras aquém e além, mas quando se ia passar por cima delas, a água era muita, alçava-se e, às vezes, as pessoas caíam para as barrocas. Depois começaram a fazer os pontões e a compor escadas por aí onde era preciso. Foi a primeira coisa. Ao fim, começaram a compor as ruas, também. Havia aí umas penedas que não se podiam passar. Têm feito muita coisa. Fizeram os esgotos. Trouxeram a água da rede cá para a povoação. O museu ainda há poucos anos foi feito. Eu tenho a chave, mas agora entreguei-a à Ana, porque ela, às vezes, vem ver qualquer coisa. Às vezes, vêm pessoas de fora. Um ficam admiradas, outras também vêm nas outras terras. O rancho também foi feito ainda há poucos anos pela Comissão. Eu nem sei em que ano é que começou, mas ainda não há muito. Antes não havia nada disso. Elas lá se juntaram todas e começaram a aprender as músicas da terra. As cantigas que elas cantam já são muito antigas. As pessoas cantavam-lá pelos matos quando iam atrás do gado e pelo meio do milho quando andavam a regar, de noite. Cantavam muito quando andavam a regar de noite. Eu agora já não

me lembra que tenho a memória fraca e também não era das que cantava. Mas o rancho tem dado e as raparigas gostam. Falta é o dinheiro. O dinheiro é o que é o pior, porque se houvesse... Mas não há na Câmara, não há na Junta, não há na Comissão... Agora acho que os melhoramentos acabaram, porque se houvesse dinheiro... Em havendo dinheiro há tudo. Não havendo dinheiro não há nada. Mas bem, vai-se andando. A aldeia tem sido muito desenvolvida, mas gostava que viessem mais pessoas para cá. Mais jovens! Mas os jovens não vêm já para cá. Muitos não querem vir. Alguns estão reformados e dizem que não vêm para cá! Como é que para cá hão-de vir os jovens, se eles não se governam? Eles nem sabem, nem querem trabalhar nas fazendas. Eles nasceram lá e lá foram criados. Têm vindo pelas festas, mas não ligam nada a isto.

Migração “*Uns puxavam outros*”

Os meus avós não foram para Lisboa. Não havia lá emprego. Dedicavam-se só à fazenda. Na geração seguinte, cada um arranjava qualquer coisa por Lisboa e uns puxavam outros. Iam para as padiolas e para a cortiça também, na estiva, Lisnave, Setenave, também andaram muitos. Aí era a maior parte. E eram os empregos melhores que havia. Pagavam bem. Tanto que agora as reformas deles são grandes. Mas, às vezes, iam por lá andar e outros iam lá dar e tinham que se vir embora que não havia emprego. Tornavam a vir para as terras. Foram tempos muito difíceis. Agora, criam-se, muitos casam-se, vão logo para fora, lá têm os filhos, lá ficam, já não dão valor nenhum à terra. Eles aqui também não se governavam agora.

Costumes

A debulha e o carolo

Demorava-se muito tempo a debulhar o milho, porque naquele tempo era de uma maneira que não é como



Fotografia 10: Ana Lúcia e Pedro André, netos de Libânia de Jesus, por parte do filho Hermínio Mendes.

agora. Agora também já cá não semeiam, mas quando cá semeavam usavam um riscador, depois faziam a debulha. Demoravam-se noites inteiras com a debulha. E era precisa muita gente. Agora não, malham-no com uma estaca. São precisas duas ou três pessoas e fazem uma grande debulha de milho depressa. Antigamente não era assim.

Antigamente, depois da debulha, o milho era esmagado para se fazer o carolo. O carolo é o milho moído, mas mais grado do que a farinha que é para o pão. Tem que ser mais graudito. Depois era cozido numa panela só com água. Às vezes, punham açúcar. Eu sem açúcar também não gostava. Havia quem pusesse mel. E outros, antigamente, ainda me lembra, até lhe punham banha dos porcos. Às vezes, faziam banha e punham, mas eu não gostava senão com açúcar. Aquilo era uma papa, quase como o arroz.

“Até uma mulher o esmaga”

Os homens é que faziam mais o vinho, antes de irem para Lisboa. Ultimamente as mulheres já têm que fazer, a bem dizer, tudo. Porque agora o vinho fazem-no com esmagadeiras e já até uma mulher o esmaga. Mas naquele tempo, não era assim. Era pior. Era tudo manual. Mas havia cá muito quem trabalhasse, havia muito homem, havia muita mulher. Hoje nem uma coisa nem outra cá há.

“Ficava curadinho”

Eu sabia fazer queijo, mas agora já não é nada. A gente ordenhava as cabras, trazia o leite para casa e lavava bem a vasilha onde ia ser coalhado. Às vezes, coalhava-o com o cardo. No fim de estar coalhado, fazia o queijo. Tem umas formas que diziam cá que era o achincho. Tinha o nome cá de achincho, mas no fundo é uma forma. A gente botava para lá o coalhado, espremia, fazia até ele ficar rijinho, até não botar mais soro. Bem rijinho, bem rijinho. Ao fim de um ou dois dias, tirava-lhe o achincho, punha-o na casinha e ficava curadinho.

“Toda a gente cá tinha muita castanha”

A castanha, a gente apanhava-a e comia-a de muita maneira. Fazia muita coisa. Primeiro, a gente ia apanhá-las ainda verdes, esfolávamo-las, tirávamos um bocadinho da casca e cozíamos-las nas panelas só com água. As que tinham casca coziam-nas assim simples. Em estando cozidas, já sai tudo: a gente tinha o trabalho de tirar a casca e depois comia-se. Eram boas. Outras, secavam-nas, era pilada - diziam que era pilada - e muita gente comia assim. Pisavam-nas com os tamancos, com os pés, em cestos para sair a casca. Ali no museu até está um cesto desses, onde as pisavam. As cascas saíam todas! Umas castanhas ficavam limpinhas que até pareciam plumas, muito branquinhas. E com essas é que se faziam muitos pratos, é que podíamos cozê-las com outra coisa. Umas coziam-nas com arroz, outras faziam sopa. Faziam-se de muita maneira e com muita qualidade. Tínhamos castanhas ao longo do ano todo, porque as guardávamos. Só vinham naquela época, mas algumas guardávamos, porque eram muitas. Toda a gente cá tinha muita castanha e aquilo era o governo para todo o ano. Não era só com o conduto dos legumes que as pessoas daqui se governavam. Tinham a couve da lavrança, feijão, milho, mas também os frutos como as castanhas...

“Aquilo era um bicho fino”

O mel vinha da criação de abelhas. Mas agora também desapareceu tudo. Ardeu tudo com o primeiro fogo. A partir daí, já não houve mais. Mas antes havia muitas abelhas na terra. Toda a vida que me tem lembrado havia cá muito mel. Quando me começo a lembrar, tinha muitos cortiços na aldeia, muita gente aí tinha, mas não eram da minha família. Depois começaram a aparecer umas caixas de madeira e deixaram de usar os cortiços. Mas há quem diga que o mel dos cortiços era melhor do que o das caixas. Eu, às vezes, ia ver as pessoas a tirarem o mel, mas tinha medo, que as abelhas mordiam. Então, fugia. Sei que quem criava abelhas, quando era para tirar o mel, começavam a dar lume, depois pegavam o fumo

para as abelhas se afastarem do cortiço e aí é que vinham muitas e eu fugia! A partir daí, já não via como é que faziam. Por isso, não aprendi. Sei que cortavam aquilo com umas facas e tinham preparos para crestar o mel, isto é, cortar aqueles vasos. E ao fim traziam o mel numas gamelas para casa, onde espremiavam aquela cera para umas vasilhas. Depois é que preparavam para sair o mel fino. Mas não podiam tirar o mel todo do cortiço, senão as abelhas morriam. Ficava sempre lá alguma coisa para irem comendo. Aquilo era um bicho fino! Era bicho fino e o que vinha, vinha livre. Não era preciso andar a gastar dinheiro com elas. Agora, já tem que as curar também. Pôr lá uns produtos quaisquer, porque também apanham males e morrem. As pessoas hoje curam as ervas, flores e árvores, onde as abelhas vão comer e esses produtos fazem mal. Agora já não se criam produtos sem se curar. Como o alimento delas já não é natural, muitas morrem com os produtos químicos. Mas agora nem cortiços nem caixas, que já há muito que ninguém tem nada. Se não se queimasse, ainda cá havia abelhas. E nos montes também não há nada. Mesmo que tivesse ficado alguma abelha, também acabava por morrer. Além, o meu filho tinha ainda umas poucas de abelhas e lá não houve incêndio, mas morreram com fome, porque estendiam-se para os limites das outras aldeias. Agora cá não havia nada para elas comerem, então morreram. Morreu tudo. No Sobral só desapareceram agora, com o último fogo, porque começou lá a arder para cima. Desde essa altura, nunca mais cá ninguém teve abelhas. Havia muita gente que ainda ia pôr mel nos cortiços, mas não resultou. Agora já há muito mato floridinho, mas não há abelhas. É preciso que elas façam criação, que as haja para fazerem criação, mas também não as há. Só se as forem buscar, comprar noutras terras que ainda haja.

“As tigeladas cá também foi sempre”

Primeiro, ninguém cá fazia nada de doces. Durante o ano ninguém fazia nada. As festas não eram "desfrançadas". Só se faziam às vezes uns bolos quando era para

uma festa. Eram feitos ao lume! Às vezes, umas filhoses só. Outra coisa também não se fazia. Às vezes, havia o arroz doce. Isso também se fazia para as festas. As tigeladas cá também sempre se fizeram. É leite, ovos e açúcar. Mais nada! É bom de fazer. Eu costumo fazer assim: parto seis ovos numa tigela, para meio litro de leite. Para um litro de leite são precisos doze ovos. Tudo por medida. E o açúcar, a gente põe o que quer até estar bem doce. Há quem goste da tigelada mais doce e há quem goste menos. A gente parte os ovos para a quantidade que quer e bate os ovos bem batidos. Daí mistura-lhe o leite e o açúcar, mexe tudo bem mexido, quanto mais mexido for melhor, põe-se nos tachos e leva-se ao forno. Antigamente era feito a lenha. Com os fogões a gás, não ficam as coisas tão bem. Há agora quem use uns fornos eléctricos e fica melhor que os a gás. Mas eu sempre fiz à lenha, sempre. Ainda hoje faço à lenha, porque o gás também é caro. É caro e não ficam as coisas tão bem. À lenha fica melhor. Mas era só de festa a festa, só de ano a ano. Agora, vem uma festa já não é festa disso, porque agora já fazem durante o ano muita vez. É quando calha. Quando nos apetece. Então, a gente tendo ovos e o leite é um doce que fica barato. E como tenho galinhas... Tenho só cinco, da raça das poedeiras, e chegam bem para mim, para me dar trabalho. Têm posto ainda muito ovo.

“Usamos este lenço na cabeça”

Nós usamos este lenço na cabeça, porque foi o hábito da nossa criação. Mas, às vezes, também o tiro. Quando é um dia em que a gente saia ou que há festas tiro. Mas, para andar na agricultura trago sempre, porque estima mais o cabelo. E também anda a gente com a cabeça mais aconchegada. É raro cortar o cabelo. Algumas mulheres daqui costumam ter o cabelo comprido. Eu só corto o meu assim por trás em casa. Ponho-lhe assim um travessão atrás. E já o cortei mais que uma vez. Mas depois que comecei a andar pior da cabeça e dos dentes, já não o tenho cortado. Quando era mais nova usava uma trança. Por vezes, fazia duas tranças e punha-o de lado.

“Era tradição aqui o linho”

Era tradição aqui o linho. Até havia cá quem o semeasse. Semeavam-no e depois, em chegando à altura em que estava criado, ceifavam-no, punham-no ao sol, lavavam-no bem e batiam-no bem batido. Desfiavam-no, fiavam-no e punham-no ao sol a corar uns poucos de dias para ficar bem branquinho. Quanto mais corado, mais lavadinho e branquinho ficava, ao fim, o linho para fazer as coisas. No fim de estar assim tudo bem lavadinho, era desfiado para se fazer o linho, para fazer maçarocas grandes para ao fim fiar. Havia teares para isso. Já não me lembra disso, já não é da minha lembrança, nem do meu tempo haver cá os teares, mas fiavam-no. Isso é mais do tempo da minha avó Maria José, que ela também o semeava. Ela ainda contava que o semeava e que o fazia. Essa fazia muito e até estopa, que também é como o linho, só que é um coisinho mais escuro. Semeava-o e fazia sacas, colchas e mantas... As mantas de fitas também eram feitas com linho, com aquela estopa. Levava um trabalho! Depois, ela deixou de fazer por causa da idade. E os filhos já não aprenderam nada. As filhas foram ainda pequenas servir para Lisboa e já não se criaram cá a fazer nada do que ela fazia.

“Quando era dia de Natal...”

O Natal, uns passavam melhor que outros, era conforme. Quando era dia de Natal toda a gente ia a missa no Sobral Magro. Levantávamo-nos de noite para ir a caminho, porque a missa era cedo. Naquele dia o padre tinha que dizer muita missa. A gente levantava-se cedo para modos de lá chegar a tempo. Nós só bebíamos café de ano a ano, no dia de Natal. Havia pessoas que tomavam todos os dias, mas nós não. Era só naquele dia. Porquê? Porque era caro, não havia dinheiro para comprar açúcar, nem para comprar café. Era só naquele dia, como se fosse uma festa. Lá o fazíamos também à fogueira, à lenha, nuns pucaritos de barro. A gente bebíamos-lo naquele dia, íamos à missa e, ao fim, quando chegávamos a casa, às vezes, havia torresmos de banha de porco para comer.

Era o que a gente comia. Só se se fizesse umas fatias de pão, diziam que eram fatias de pão, com ovos. Era assim o que a gente cá arranjava mais. E também se cozia muita chouriça e carne de porco.

“Havia todos os anos a matança do porco”

Nós também tínhamos porco. Havia todos os anos a matança do porco. A gente chamava as famílias para ajudar a trabalhar e a comer. Matava-se o porco na casa de um, então todos se juntavam numa casa. No outro dia, matavam outro, e juntavam-se noutra casa. Andávamos assim. Também davam um bocado de porco a outros vizinhos. Havia pessoas que não matavam e a gente, quando era dia de Natal, dava sempre a quem não matava uma chouriça ou um bocadito de carne.

“São histórias!”

Eles diziam - já não é na minha lembrança - que os devotos iam tirar bocados de madeira das costas do São Lourenço, que parece que é de madeira. Diziam que fazia bem. Não sei se era promessa, se era para fazer qualquer coisa que era preciso, como se fosse para curar, tirando um bocadinho de madeira. Não sei. Mas já não é na minha lembrança que diziam isso. Já ouvia os meus avós a dizer isso.

Da lenda do lobisomem, eu, primeiro, ouvia falar. As pessoas falavam, mas isto já é muito antigo. Já não é da minha lembrança. É já dos antigos, desde o tempo do meu bisavô. O meu avô é que contava, mas não sei se já era no tempo dele ou se já teria sido. Contava que, às vezes, as mulheres mais velhas, já de idade, ficavam a fazer serões nas casas umas das outras. Agora não usam ir para casa umas das outras fazer serões, mas naquele tempo iam. Levavam sempre coisas para fazer. Linho para fiar. Faziam toalhas e outras coisas em linho. E o meu avô é que contava, quando a gente era pequenita mas já tomava sentido, que estavam na casa do pai dele as mulheres a fazer serão e a trabalhar naquelas coisas

delas e que havia cá um galo preto romano - desses que adivinham - e à meia-noite estava a cantar. E disseram umas mulheres para as outras:

- "Ai, calai-vos! Calai-vos!"

Até apagaram a luz dos candeeiritos a petróleo, que não havia outra coisa, e disseram assim:

- "Calai-vos! Olha, que está uma coisa para entrar para o povo! Está o galo preto a cantar. Alguma coisa está para entrar para o povo!"

E sentiram aquele tropelo à porta por aí abaixo, até pareciam ferraduras de cavalos. Foram ver à janela e ele por modo de dar a volta lá numa casa que lá estava, que não cabia na rua, até botou as patas por cima de um lajeado para se virar. Foram ver lá adiante ao largo da escola e ainda o viam a ir por aí abaixo, pela estrada, as ferraduras a botar fagulhas. Por isso é que a quinta que lá está, que ainda é minha e dos meus tios, se chama "A Quinta da Fagulha". Diz que por causa do lobisomen que lá ficou aquele nome. Por verem cavalos a botar fagulhas é que ficou o nome assim. E ao fim diziam que era um lobisomem. Diziam que aquilo tinha que correr sete ermidas numa hora. Sete capelas ou sete igrejas numa hora. O que aquilo tinha que andar! Aqui já era uma, já contava. E quem sabe lá de onde é que ele viria já a contar! Mas no outro dia não viam nada no chão. Ouviram aqueles tropelos, passou e lá foi para outros lados. Aquilo em se passando aquelas horas, volta ao normal, porque é qualquer coisa que tem a pessoa de andar aquela quantidade de distância naquela hora. A gente com medo não ficava, que naqueles tempos apareciam muito aquelas coisas. Não havia electricidade, isto era tudo escuro. Mas já falavam nisso. Era o meu avô que me contava. São histórias!

Religião “*Antes, era só missa*”

Antes a missa era só pelas festas. Só de ano a ano é que cá vinham dizer missa ou quando a mandassem dizer. Às vezes, mandavam-na dizer por alma de outra pessoa, mas isso era raro. Só de ano a ano é que cá vinham pelas fes-



Fotografia 11: Libânia de Jesus com o marido num convívio familiar.

tas. Ainda me lembro da igreja antiga, então não lembro! A gente tem que se lembrar porque esta ainda há poucos anos foi feita. Até foram os meus filhos que a fizeram. Lembra-me bem como era a outra. Era mais pequeninha e tinha a porta virada para o outro lado. Agora está para este lado, porque para aqui dava mais jeito. No dia da missa, sempre levávamos uma roupinha melhor. Mas quando chegávamos a casa, tirávamo-la para usar no outro ano. Quando íamos a Pomares às vezes às festas e à missa, levávamos um saquito e só lá perto da igreja é que calçávamos os sapatos. E depois tornávamos a descalçá-los e vínhamos a pé, descalços, por aí acima. O sapato ficava sujo por dentro. Às vezes, púnhamos uns papéis por dentro dos sapatos para não sujar. Outras vezes levávamos umas toalhitas velhas e deitávamos aos pés para limpar. Era uma miséria.

As romarias da aldeia sempre foram as mesmas. Agora não. Agora fazem-nas até ainda melhor que naquele tempo. Antes, era só missa, mais nada. Não havia procissão, não havia nada. Era só a missa. As romagens que me lembro são as do Vale da Maceira. Lá é que iam fazer romagens. No Soito da Ruiva não faziam. Íamos lá ao Vale de Maceira, onde se juntavam ranchos de gente, que cá havia muita gente. E nós também íamos. Agora, há as festas e a procissão na aldeia. A procissão come-

çou a ser feita há pouco tempo, depois que esta capela foi construída. Primeiro, não. Agora, no dia da procissão, fazem a festa, vão à missa, vão à procissão. E vai toda a gente! Quem pode ir. Vai tudo na procissão. Costumam ser festas muito animadas! Vêm cá os familiares. É um dia muito alegre, mas é só uma vez por ano. Na procissão saem cinco andores com os santos. No fim de recolher a procissão botam as ofertas a lanço. Cá quase toda a gente dá uma oferta. Botam-nas a lanço. No fim de as botar a lanço, as pessoas vêm comer o almoço. O almoço no dia da festa é cada um em sua casa, com as suas famílias. Depois do almoço, vêm à música. De tarde, vem um conjunto, há quermesse, rifas e tudo. Depois, toca a dançar e a cantar. No outro dia é que têm dado o almoço. Vem cá, às vezes, um restaurante servir. Cada pessoa paga um tanto e quem quer ir lá comer, vai, quem não quer, come em casa. Nesses dias, até toda a gente tem em casa o que comer. Mas quem lá quer ir é um convívio. Paga um tanto e vai lá. Não tem preço certo. Há anos que é mais barato. Outros anos sai mais caro, é consoante o que o restaurante leva e conforme a comida.